

Documents written by natives: The two messages of Hilário Yrama (1757)

Abstract

Indians' conquest of literacy was the result of the ways of evangelization during colonial times. Indigenous participation in this process allows understanding the rapid diffusion and acceptance of writing technologies. This aspect was particularly visible in the context of the Jesuit Missions of Paraguay, where the Indians resorted to writing in an autonomous way in particular circumstances. Here we analyze the vestiges of indigenous writing practice taking into account two messages, both written by alcalde of mission town of San Miguel, Hilário Yrama, in 1757. The first text is a "billete" written in a piece of paper that brings the signature of Yrama. He wrote it when he lived in the estancia of his mission town, after the occupation of the urban nucleus by the frontier expeditions sent by the Iberic crowns, in company with a group of Indians. In that moment the Indian decided to report to his superiors some of the recent episodes he had experienced.

Key words: Guarani, Jesuit missions, Indigenous writing.

Documentos escritos por indígenas: as duas mensagens de Hilário Yrama (1757)

Eduardo S. Neumann*

Dossier

Resumen

La conquista del alfabeto por los indígenas fue el resultado de modalidades de evangelización aplicadas a ellos en tiempos coloniales. La participación indígena en dicho proceso permite comprender la rápida difusión y aceptación de la tecnología de lo escrito. Esa fue una realidad particularmente visible en el contexto de las misiones jesuíticas del Paraguay, donde en circunstancias particulares los indígenas apelaron a la escritura de manera autónoma. Aquí analizamos vestigios de esa práctica letrada indígena teniendo en cuenta dos mensajes, ambos redactados por el alcalde de la reducción de San Miguel, Hilário Yrama, en 1757. El primer texto es un billete, escrito en una tira de papel que lleva la firma de Yrama. Lo escribió cuando vivía en la estancia de la reducción, después de la ocupación del núcleo urbano por las comisiones demarcadoras de límites enviadas por las coronas ibéricas, en compañía de un grupo de indios. En ese momento el indígena decidió informar a sus superiores sobre algunos hechos recientes.

Palabras clave: Guaraníes, Misiones jesuíticas, Escritura indígena.

Fecha de recepción del original: 10-14-2013. Fecha de aceptación para publicación: 14-05-2013

Introdução

Um dos capítulos mais originais na história do Novo Mundo é a obra de gramaticalização dos idiomas nativos realizada pelos missionários no século XVI. Na América de colonização hispânica o início dos trabalhos de catequese facultou aos ameríndios o contato com a cultura escrita. No Paraguai colonial a ‘conquista espiritual’ estava na estrita dependência de uma transliteração do idioma Guarani à escrita, condição *sine quo non* para a construção de categorias que inexistiam no léxico indígena, resultando na criação de uma linguagem cristã nas reduções (Melià, 1969).

A conquista do alfabeto pelos indígenas foi o resultado das modalidades de evangelização praticada e, a participação dos indígenas, permite compreender a rápida difusão e aceitação da tecnologia do escrito. Assim a aquisição da escrita entre os guaranis deve ser dimensionada a partir do impacto da “razão gráfica”, ou seja, uma possibilidade efetiva de domesticação do pensamento selvagem (Goody, 1987, 1988).

Como a escrita figurava em todas as estratégias catequizadoras, tal fato facultou aos guaranis a “conquista letrada” do seu idioma. Essa maneira própria e peculiar de relacionar-se com a sua língua, agora reduzida à escrita, foi uma experiência social singular que perpassou o cotidiano dos índios instalados nessas reduções durante os séculos XVII e XVIII. De fato a escrita pode alterar os modos de pensamento e cognição, e, por isso, é considerada como um instrumento da transformação cultural (Ong, 1998, pp. 97-98). Contudo, atribuir toda explicação a uma única causa é uma visão equivocada. A introdução da escrita não altera por si só, obrigatoriamente, os padrões sociais de uma cultura. O que importa, de fato, é o que as pessoas fazem com a escrita, e não o que a escrita faz com as pessoas. Afinal, ela é uma inovação que

atua também como uma forma sutil de colonização do imaginário (Gruzinski, 1991).

Um corpus documental indígena

Nas últimas décadas os historiadores têm demonstrado um interesse renovado em relação aos textos escritos pelos ameríndios, papéis raros, preservados na forma de séries, coleções ou algum manuscrito inédito. A grande quantidade de textos escritos pelos próprios guaranis, depositados nos arquivos, comprova os novos usos que eles destinaram a sua competência gráfica e a existência de fontes indígenas diretas (Neumann, 2005). Nesses documentos uma parcela da população manifestava suas opiniões e dúvidas, bem como procuravam intervir no rumo dos acontecimentos. Porém, mesmo diante desses procedimentos, a historiografia sobre as missões guarani, durante muito tempo, esteve condicionada pela idéia de que durante a sua vida em redução, os indígenas não elaboraram registros escritos, apenas “copiavam” ou reproduziam textos.

A existência de um *corpus* documental escrito pelos próprios índios missionários implica em uma ampla tarefa de uma reinterpretação da atuação dos guaranis nessas reduções. A importância conferida a tais acervos, conjugados a uma nova perspectiva teórico-metodológica, tem contribuído para uma reavaliação geral das dinâmicas socioculturais estabelecidas na América colonial. De fato, a decisão dos guaranis de comunicarem por escrito suas opiniões legou aos historiadores documentos que permitem avaliar a elevada insatisfação e a mobilização desses índios, comprovando a importância atribuída à palavra escrita nessa sociedade.

Os textos escritos pelos indígenas apresentam distintas vias de “sobrevivência” nos arquivos e nas bibliotecas, contudo não existe uma classificação específica para esta documentação nos catálogos. A possibilidade de lo-

calizar tais textos depende da procura paciente em meio a séries de documentos relacionadas ao período. Entre as dezenas de pacotes de papéis gerados pela presença dos demarcadores e por parte das autoridades coloniais é possível identificar alguns cuja autoria é indígena. Em geral, estes escritos estão preservados de maneira aleatória em meio a maços de documentos coloniais, e que ainda não haviam despertado a atenção dos historiadores.

Assim, os documentos consultados, originais e cópias traduzidas do idioma guarani, foram organizados visando constituir um *corpus* documental orientado pelo critério dos seus usos e funções sociais. Alguns documentos remanescem como originais (manuscritos). Outros, entretanto, apenas como uma informação histórica na forma de citação em alguma crônica ou narrativa.

E a conservação desses papéis, por mais que pequena, é o resultado da preocupação das autoridades encarregadas dos trabalhos de demarcação em informar as suas respectivas monarquias da oposição indígena, motivo pelo qual os documentos apreendidos foram enviados e conservados em algum arquivo¹. Esses documentos são a expressão de uma vontade de instaurar consenso sobre acontecimentos e resultam na produção de uma memória, ou seja, no registro dos fatos, o que explica a sua preservação. Os papéis escritos pelos indígenas eram a prova material de que dispunham os comissários demarcadores das manifestações de desobediência dos guaranis às ordens reais de mudança.

Os textos escritos pelos guaranis missionários, em boa parte por seu caráter de material apreendido, em diversas ocasiões, receberam a devida tradução. Quando não há tradução, ao que parece, foi decorrência do desinteresse das autoridades, ou talvez porque sua circulação fora prevista apenas para o âmbito colonial, pois sabidamente havia interpretes para estes papéis. Contudo os documentos indígenas enviados para a península ibérica, por

conta do desconhecimento dos idiomas nativos na Europa, foram acompanhados de sua respectiva tradução. Muitos dos documentos escritos pelos Guaranis apenas são conhecidos atualmente, através das suas traduções ao espanhol, pois quando foram apreendidos, durante o conflito, são tratados como material de guerra. Assim, foram traduzidos nos próprios acampamentos. Eventualmente, quando esses textos paravam nas mãos de algum jesuíta, era conservado o original e muitas vezes a sua tradução, pois estes documentos eram remetidos pelos missionários, para os ministros espanhóis, como prova da oposição indígena. De modo geral, o envio desses documentos à Europa visava comprovar que os guaranis agiam por conta própria ao manifestarem suas opiniões sobre o momento que estavam vivendo.

A escrita indígena durante a demarcação

O período da demarcação de limites, em meados do século XVIII, é excepcional para acompanhar a profusão dos usos destinados à escrita pelos índios e a consequente produção de documentos elaborados por eles próprios. O Tratado de Madri, assinado em 1750, que estabelecia a permuta de sete reduções localizadas na margem oriental do rio Uruguai, em troca da Colônia do Sacramento, deflagrou a comunicação epistolar entre os guaranis. O reconhecimento do valor histórico desses documentos indica que a decisão conjunta das coroas Ibéricas deflagrou entre os indígenas missioneiros uma preocupação quanto aos cuidados com a comunicação escrita e os procedimentos letrados. Nesse contexto, as manifestações letradas dos índios das reduções foram operadas, inicialmente, a partir de duas modalidades básicas da comunicação epistolar: os bilhetes e as cartas.

Por sua escrita urgente e rápida, os bilhetes foram preferidos pelos guaranis para o contato com seus companheiros. As cartas desempenhavam uma função diplomática, de canal com a administração colonial, sendo um importante instrumento de reivindicação e protesto no qual os guaranis expressavam sua opinião sobre os acontecimentos em curso. Munidos da escrita, esses nativos não parecem mais os mesmos à mercê de mediadores. São agora homens letrados que têm nomes e sobrenomes.

Como exposto, a preservação desses “papeles y cartas” demonstra o interesse das autoridades ibéricas em informar suas respectivas monarquias a respeito das manifestações indígenas, justificando a demora em executar a demarcação dos novos limites na América. No seu conjunto, tais documentos indicam a necessidade de se analisar a difusão da escrita nas reduções e, principalmente, chamam a atenção para a capacidade de ação desses índios.

Foi através da prática escriturária que eles buscaram estabelecer contato com os demais companheiros de redução ou procuravam comunicar às autoridades coloniais a respeito de sua contrariedade ao Tratado. A guerra de papel deflagrada diante da presença dos demarcadores na região possibilitou que eles recorressem à escrita em um momento de intensa movimentação e incertezas. O valor conferido as informações *in scriptis* determinou que diante da grande circulação de notícias os índios demonstrassem interesse em interceptar as cartas enviadas aos plenipotenciários encarregados dos trabalhos de demarcação.

Como havia a necessidade de uma comunicação ágil os indígenas rebelados utilizaram com frequência os bil-

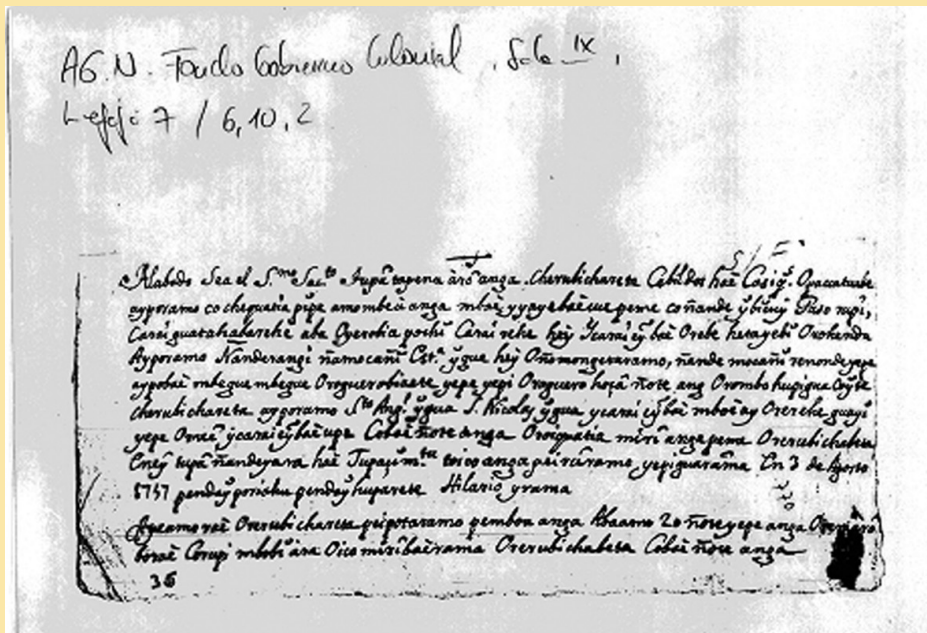
hetes. Eram fáceis de portar e mesmo ocultar fato que facilitava a comunicação à distância entre os guaranis rebelados. Por instaurar uma nova dinâmica nas relações a escrita é mais do que uma maneira de interlocução, configurando-se também como tática para calcular os possíveis passos dos inimigos. Igualmente permite anular às distâncias e estabelecer uma comunicação em segredo. O ato de escrever pressupõe destinatários capazes de decifrar e compreender o que foi escrito. Além desse aspecto a escrita foi um instrumento ligado ao poder, permitindo normalizar e produzir idéias. Em suma, a escrita atua como fator de controle político.

Por suas potencialidades, à escrita possibilitava estabelecer relações, comparar acontecimentos e dispunha aos Guaranis uma nova forma de temporalidade, pois eles costumavam assinalar a data ou o dia da semana ao final de suas mensagens. Essa capacidade de indicar dados cronológicos permitia-lhes planejar ações, definindo prazos, por exemplo, para arregimentar soldados, e nos indica a sua aptidão para agir e fazer uso de uma lógica semelhante à do colonizador.

As duas mensagens de Hilário Yrama

Um vestígio dessa prática letrada indígena são as duas mensagens — ambas redigidas em 1757 — do alcaide da redução de São Miguel, Hilário Yrama². O primeiro texto é um bilhete, pois está escrito em uma tira de papel, e leva a assinatura de Yrama. Foi redigido quando ele vivia na estância da redução, após a ocupação do núcleo urbano pelas comissões demarcadoras, em companhia de um grupo de índios. Nessa época ele decidiu informar seus superiores sobre alguns fatos recentes. Vejamos o conteúdo do primeiro documento:

Reproducción del original



Transcripción

Alabado Sea el S.^{mo} Sac.^{to} Tupãtopena áro anga. Cherubichareta Cabildos haê Casiq.^s Oyaccatuabe ayporamo co chequatia pîpe amombeúanga mbaé y yayebeâmepeme coñande y bieuy Paso rupi carai guatahabarehe aba Oyerobia pochí Carai rehe hey Ycarai ey baé Orebe herayebí Orohendu Ayporamo Ñanderangi ñamocañi Est.^a y gua heý Oñomongetaramo, ñande mocañi renondupe aypobaé mbegue mbegue Oroguerobiaete yepe yepi Oroguero hoçã ñote ang Orombohupigua Coýte Cherubichareta ayporamo Sto. Ang.¹ ygua S. Nicolay ygua ycarai eybaé mboêay Orereheguayí yepe Omeé ycaraiybaéupa Coboéñote anga Oroiquatia míri angapeme Orerubichabae Eney tupã ñandeyara haé Tupau m.^{tu} toicoangapeiruramo yepiguarama. En 3 de Agosto 1757 pendaý poriahu pendaý huparebe. Hilario Yrama

Ayemoraé Orerubichareta peipotaramo pembou anga Abaamo 20 ñoreyepe anga Oremaro boraéCorupi mbobi ara Oico míribaerama Orerubichabeta Cobaé ñore anga.

Traducción

Alabado sea el Santísimo Sacramento. Que Dios (Tupã) guarde a nuestras Autoridades, Cabildantes y Caciques, todos. De este modo, por medio de este documento os relato las cosas que se sucedieron por este nuestro Paso de Ybycuy, por donde caminaron los españoles; los indios desconfían de los españoles, nos dicen los “paganos”. Esto varias veces lo escuchamos. Por eso nos apresuramos a esconder a la gente en la Estancia, dicen cuando ellos hablan, conversan entre sí; si bien antes a nosotros nos hicieron esconder aquellos, poco a poco, si bien lo creyeron siempre solamente lo soportaron y le aceptaron al final. Mis superiores (o jefes), los de Santo Angel, los de San Nicolás, por eso informaron mal a los infieles acerca de nosotros: aún a sus propias hijas las dan a los infieles. Esto nomás por ahora. Escribimos breve ahora a vosotros, nuestros superiores.

Bueno, que Dios Nuestro Señor y la Santa Madre de Dios os acompañe ahora como compañeros para siempre. En 3 de Agosto 1757. Vuestro pobres hijos, vuestros amigos de verdad. Hilario Yrama

Así pues, Nuestros superiores, si lo deseáis, envid ahora esos 20 indios, no más 20 indios. Nosotros, aunque no sea más que algunos días estaremos esperando aquí. Nuestros superiores: esto solamente por ahora.

Traductora: Delicia Villagra

A mensagem é um relato da situação que alguns índios estavam enfrentando fora da redução, quando estavam instalados no passo do Ibicuí, e que diante da proximidade dos espanhóis, decidiram esconder “a la gente en la estancia”. Os Guaranis que acompanhavam Yrama constituíam uma parcela

que se mantinha afastada do núcleo urbano e até aquele momento sem demonstrar disposição em retornar à sede da redução. No bilhete, o alcaide Hilário ainda se mostrava ultrajado pelas ofensas proferidas pelos espanhóis, que várias vezes os acusaram de *paganos*. A maneira como esse bilhete foi encaminhado permite inferir que havia um grupo de Guaranis refratários à ocupação e presença dos espanhóis em São Miguel, contudo estes seguiram mantendo contato com as lideranças que permaneceram na redução. Um dos objetivos dessa mensagem dizia respeito a demovê-los de uma atitude avaliada como conformista diante da convivência com os espanhóis.

Como se pode perceber trata-se de um uso estratégico da escrita. Por um lado, é um pedido de reforços de efetivos que partiu de alguns índios rebelados, e, por outro, uma tentativa de cooptação. Motivo pelo qual a mensagem estava destinada a “nuestras autoridades, cabildantes y caciques, todos”. Ou seja, além de informar àqueles que permaneceram na redução a respeito dos incidentes registrados no passo do Ybycuy, procurava-se, por meio dessa mensagem, incitá-los. Como argumento para convencer aqueles que estavam convivendo com os espanhóis, Hilario mencionava que deveriam desconfiar dos espanhóis, pois estes os chamavam de *paganos*.

Verifica-se o quanto a escrita ainda mantinha-se ativa como veículo de comunicação entre os Guaranis e, principalmente, a tentativa de rearticular a rede de comunicação que antecedeu a invasão das reduções. O texto menciona a proximidade dos espanhóis, dos quais se ouvem as vozes que conversam entre si e determinando que os Guaranis abandonem o local sem serem molestados. Pelo relato, afirmam que os espanhóis mostraram-se indiferen-

tes à presença indígena. Esse entendimento da situação ao que tudo indica os mantinha motivados a continuar com sua atitude de oposição, pois parecem confiantes na sua capacidade bélica. Por essa razão, acrescentou ao final da mensagem “*se los deseáis, envid ahora esos 20 indios*”.

A mensagem possuía como finalidade informar o que estava ocorrendo, como o próprio Yrama escreveu, “*por medio de este documento los relato las cosas que se sucedieron por nuestro Paso de Ybycuy*”. O conteúdo permite inferir que havia a intenção de produzir um efeito junto aos destinatários, ou seja, incitá-los a resistirem à presença hispânica. O texto também confirma que não houve uma atitude padrão por parte da população missioneira, pois menciona que os superiores, ou seus chefes, informaram mal os infieis sobre as intenções do grupo do qual Yrama fazia parte. Mas menciona que este mal entendido que já estava solucionado.

Passemos ao segundo documento:

Transcripción

Tupã ta nde ra'arõ anga Mburuvicha ha'e nde ra'y reta ave toikove katu anga. Ore anga pyhy katu rako nde ñe'ẽ oro-hendu ramo, heta ára rako tyre'ỹ rekorãmi ore rekoháva, hái aete oroguerohosã ñote ore reko, Tupã rehe ore jeroviapýpe, ha'e pe Mburuvicha rehe ore jeroviapýpe avei. Koniko akói nde hasa arapýpe Santo Angel ygua vyraijarusu Joseph Ñeëndy héra va'e, ha'e Diego Guarapy; ha'e S[an] Nicolasygua oiko irũ ramo Francisco kuarasy kova'e Ignacio Zambyyu; ha'e Joseph Tuy. Koniko akói ára, che ra'y reta Estanciaygua juka haréra.

Ha'e rãmi ave Yaro reta che ra'y reta jukase nunga, hymba poriahu rehe jepi, korami pype jepe oime ore pyhyrõ porara ha amo D[on] Juan mbocan, ryvyre ivoja reta va'e, ko'ãva ruvicha rano ore rayhu katuhára, ha'e ramo noñembosarái rako ore rehe. Ha'e akói nde kuationa pysyhare Mundai héra

va'e nomboajéi nde kuaitaguéra, oñembosarái katu ore rehe. Kova'e ñote aikuaauka anga ndéve Mburuvicha San Miguel hegui ko ára viernes 29 de septiembre de 1757.

Che nde rayhuparete vyraijarusu Hilario

Koniko Santo Angelygua ogueraha ore hegui Vacas 400 va'e Marqués upe guarãngue, ha'e rãmi ave ore kavaju ogueraha 200.

Don Bruno upeguára ko kuationa mirĩ.

S. Borja.

Traducción

Alabado sea el Santísimo Sacramento

Dios te guarde Señor Gobernador y que tus hijos también estén bien [tengan buena vida]. Nos consuela oír tu palabra, mucho tiempo, ciertamente, anduvimos como huérfanos, pero soportamos únicamente nuestra forma de vivir, confiando en Dios, y también en el Gobernador. Esto siempre en tiempo del alcalde llamado Joseph Ñeëndy de Santo Angel, y Diego Guarapy; estando como compañeros Francisco Quarasy e Ignacio Zambyyu de San Nicolás; y Joseph Tuy. Sucede que entonces mató a muchos de mis hijos de la Estancia.

De esta manera también [actúa] una multitud de Yaros, casi mataron a mis hijos por sus pobres animales, aún en el corral; hay alguien que nos protege continuamente y aquel hermano menor de Don Juan Mbocan, quien tiene muchos siervos, y el jefe estos también nos quiere, por tanto, no nos maltrata [lit.: no juega de nosotros]. Pero el que ha recibido tu carta, llamado Mundai, no hace caso de tus mandatos. Esto solamente lo que te quería comunicar desde San Miguel, hoy viernes 29 de septiembre de 1757.

El que te aprecia mucho alcalde Hilario

Estos de Santo Angel nos llevaron 400 vacas, las que iban a ser del Marqués y además se llevaron 200 caballos. Esta cartita es para Don Bruno.

S. Borja.

Traductora: Angélica Otazu

Esta segunda mensagem de Hilario Yrama, também redigida em guarani, estava dirigida a Francisco Bruno de Zabala. Na própria mensagem há uma auto-definição do caráter do texto, no caso uma “*cartita*” (kuationa mirĩ). Diferente de um bilhete, ela está endereçada a um destinatário, “*Don Bruno*”, no caso o capitão Francisco Bruno Zavala. Através dessa *cartita*, Hilario Yrama reconhece que há lugares de poder e informa sobre os problemas que estava enfrentando.

O texto apresenta um nítido tom de retratação. Expressa certo arrependimento e tentativa de reconciliação e, nesse momento, reconhece o governador como uma autoridade necessária. Comenta em tom de lamento que os índios andavam “*como huérfanos, pero soportando únicamente nuestra forma de vivir, confiando en Dios y tambien en el Gobernador*”, para logo a seguir denunciar o comportamento violento de alguns índios de outras reduções que “*entonces mató a muchos de mis hijos de la estancia*”. Ao denunciar o comportamento de certas lideranças indígenas que agiam de modo violento, matando outros companheiros, ele expressando as divergências existentes entre os próprios guaranis que se encontravam nas estâncias, mostrando a dificuldade de administrar o convívio entre os índios missioneiros fora do espaço urbano das reduções.

A carta também permite evidenciar que o problema enfrentado nas estâncias era bem mais amplo, pois di-

zia respeito também aos “*yaros*” (“infiéis”), por disputas que envolvem animais e retaliações as famílias guarani. Os conflitos eram decorrência do roubo de vacas e cavalos, o que havia gerado inclusive a morte de alguns índios. Hilario, à sua maneira, procurava informar Zavala dos distúrbios, e agregava que os animais subtraídos estavam reservados ao “*Marqués*” (provavelmente o marquês de Valdelírios). A intenção da mensagem é de notificar os conflitos existentes nas estâncias e as dificuldades, em decorrência desses problemas, em enviar os cavalos prometidos ao marquês, pois estes já teriam sido subtraídos pelos índios de Santo Ângelo.

Convém destacar que essa segunda mensagem foi redigida com uma diferença de aproximadamente dois meses em relação ao bilhete anterior, aqui comentado. No primeiro bilhete transparece uma desconfiança em relação aos espanhóis, enquanto que a segunda mensagem está encaminhada e reconhecendo os espanhóis como autoridade. A segunda mensagem está endereçada a um militar do exército espanhol, e demonstra que o mesmo índio agora se reportava de maneira distinta, com deferência e respeito: “*Dios te guarde Señor Gobernador y que tus hijos tambien estén bien*”.

Há uma mudança de atitude bastante evidente, de índio resistente, receoso quanto a presença hispânica em seu território para a de um Guarani que agora se dirige por escrito ao “governador” comunicando “*te aprecia mucho*”. Em um curto espaço de tempo se pode verificar uma nova postura por meio da comunicação escrita de Hilario Yrama. Ao que parece, essa mudança está relacionada à constatação de que as divergências com os “infiéis” demandavam uma ajuda externa diante da impossibilidade de assegurar a sobrevivência de um determinado grupo fora das reduções. E, através da escrita, Yrama procurava construir uma nova relação com a autoridade encarregada de prestar assistência às reduções orientais, pois denunciava que o tal de Mundai, lide-

rança indígena que recebia as cartas de Zavala, “no hace caso de tus mandatos”. As relações de poder no espaço reducional são expostas nesses documentos e fornece uma informação de cunho interno, de como estava organizada a oposição indígena e as divergências existentes. Tais documentos revelam uma percepção missioneira sobre os “índios infiéis” pautada nos seus contatos, negociações e atritos, além de esclarecerem a respeito das transformações operadas entre as sociedades indígenas na região platina.

Nessa época, as estâncias das reduções haviam se tornado um lugar conflituoso e de faccionalismos, e, a partir do momento em que as lideranças guarani perceberam que manter-se resistindo à presença hispânica representava um alto custo, decidiram retornar ao núcleo urbano da redução. O cruzamento dessas informações fragmentadas permite demonstrar a fragilidade das relações existente entre as diferentes parcialidades indígenas, sobretudo os “índios infiéis” e os das reduções, animosidade acentuada em função da própria dinâmica colonial. Se escrever, por um lado, permitia um maior envolvimento com a sociedade hispano-americana, por outro, distanciava os Guaranis dos outros indígenas, acentuando suas diferenças em relação às demais parcialidades.

Enfim, a escrita apresentou destaque em situações-limite, quando serviu como importante instrumento de articulação política, atuando como um meio eficaz para organizar a resistência missioneira. O envio de cartas e bilhetes reforçava as redes de relações pessoais, e servia tanto como canal de informação quanto elemento de solidariedade entre os Guaranis rebelados. Através desses papéis escritos com letra de índios temos a oportunidade de estabelecer novas abordagens da realidade colonial a partir de uma documentação indígena, de fontes elaboradas pela população que experimentou os efeitos do colonialismo ibérico.

Notas:

- 1 Refiro-me principalmente aos seguintes arquivos: Archivo General de Simancas (Valladolid); Archivo Histórico Nacional (Madrid); Archivo General de la Nación (Buenos Aires).
- 2 A.G.N./BA: Sala IX, Legajo 6/10/2. Esses dois textos são originais, escritos em guarani, e não estão acompanhados da respectiva tradução ao espanhol. Diferentemente de outros documentos apreendidos e enviados a península Ibérica que receberam a devida tradução antes de serem despachados. Possivelmente tenham sido lidos e compreendidos quando foram localizados, através da intermediação de algum oficial ou soldado que integrava as tropas e dominava o idioma guarani.

Referencias bibliográficas

- Goody, J. (1987). *A domesticação do pensamento selvagem*. Lisboa: Editorial Presença.
- Goody, J. (1988). *A lógica da escrita e a organização da sociedade*. Lisboa: Edições 70.
- Gruzinski, Serge (1991). *La colonización de lo imaginario. Sociedades indígenas y occidentalización en el México español*. Siglos XVI-XVIII, México: Fondo de Cultura Económica.
- Ong, Walter (1998). *Oralidade e cultura escrita: a tecnologia da palavra*. Campinas: Papirus.
- Melià, Bartomeu (1969). *La création d'un langage chrétien dans les réductions des Guaranis au Paraguay*. Tese (Doutorado)–Faculté de Théologie, Université de Strasbourg, Strasbourg. 2 v.
- Neumann, Eduardo S. (2005). *Práticas letradas guaranis: produção e usos da escrita indígena - Séculos XVII e XVIII*. Tese de doutorado. UFRJ/IFCS.